

3

A semântica dos compostos nominais — os estudos clássicos

Neste capítulo, pretende-se fazer uma revisão da literatura sobre a semântica dos compostos nominais. Para tanto, serão mostrados dois estudos clássicos que abordam o tema. Primeiramente, será apresentada a teoria proposta por Judith Levi, em *The Syntax and Semantics of Complex Nominals* (1978); em seguida, virá o trabalho de Beatrice Warren, intitulado *Semantic Patterns of Noun-Noun Compounds* (1978).

Ainda que os estudos de Levi (1978) e Warren (1978) sejam mais antigos, eles são de suma importância para o estudo semântico dos compostos nominais. Independentemente da vertente teórica adotada, grande parte da vasta bibliografia sobre compostos nominais em língua inglesa cita as obras das duas autoras, seja como ponto de partida para o desenvolvimento e aplicação de teorias mais recentes, ou como alvo de críticas, seguidas de uma nova proposta de categorização semântica da estrutura.

Após a apresentação em separado das teorias propostas pelas duas autoras, serão feitos alguns comentários comparativos sobre as duas teorias.

3.1 A análise proposta por Levi (1978)

O trabalho de Levi se destaca dentro da linguística como sendo um dos primeiros estudos de impacto sobre os compostos nominais em língua inglesa. Sendo assim, ele é referência de inúmeros trabalhos subsequentes, independentemente da linha de investigação adotada.

Em *The Syntax and Semantics of Complex Nominals* (1978), Levi tem interesse em estudar as propriedades sintáticas e semânticas dos *complex nominals* ‘grupos nominais complexos’¹⁴ (CNs) na língua inglesa, dentro da abordagem da semântica gerativa. A autora acredita que as estruturas semânticas estejam intrinsecamente relacionadas ao processo sintático de formação dos compostos, e que, na verdade, são ativadas por eles. Levi se refere aos compostos nominais

¹⁴ Nesta dissertação, será usada a tradução “grupos nominais complexos” para a expressão *complex nominals* (CNs). Deve-se destacar, no entanto, que há trabalhos que mencionam as traduções “nominais complexos” ou “complexos nominais”.

como *complex nominals* por achar que o termo *compound* ‘composto’ esteja associado a compostos de apenas dois substantivos, em que o pré-modificador recebe a acentuação fonológica mais forte, como *steam boat* ‘barco a vapor’ e *car thief* ‘ladroão de carros’.¹⁵ Em relação à preferência pelo termo *nominals* ‘nominais’ no lugar de *noun* ‘substantivo’, Levi afirma que o uso de *noun* faz com que linguistas e leigos confundam os compostos nominais com “unidades ortográficas singulares”, ou seja, com os substantivos.

Neste trabalho, será utilizado o termo “composto nominal” por ele ser o mais difundido na área. Os termos *complex nominals*, grupos nominais complexos, ou ainda a sigla CN(s) serão utilizados apenas na apresentação da teoria de Levi.

Dentro da categoria dos grupos nominais complexos, a autora encaixa três tipos de expressões: os compostos nominais formados por N + N (*apple cake* ‘bolo de maçã’; *doghouse* ‘casa de cachorros’; *color television* ‘televisão a cores’); os compostos cujo núcleo ou modificador é deverbal (*Markovian solution* ‘solução markoviana’; *musical criticism* ‘crítica musical’; *city planner* ‘planejador urbano’; *translation problems* ‘problemas de tradução’) e as estruturas com modificadores adjetivos não predicativos, ou seja, que não podem ser usados na posição predicativa (pós-cópula) (*electric clock* ‘relógio elétrico’; *electrical engineer* ‘engenheiro elétrico’; *musical talent* ‘talento musical’). Tais CNs não podem ser transformados em orações relativas. Dizer que *electric clock* é **a clock which is electrical* não faz sentido na língua inglesa.¹⁶

¹⁵ Conforme já mostrado na seção 2.1.2, este critério não reflete a complexidade da estrutura, uma vez que nem todos os compostos recebem acentuação na primeira palavra e nem todos consistem de duas palavras.

¹⁶ Segundo Levi (1978:3), Bolinger (1967) foi o primeiro pesquisador a perceber e ao mesmo tempo refutar a alegação dos primeiros estudos na área da gramática transformacional de que todos os adjetivos pré-nominais em inglês seriam derivados da posição predicativa nas orações relativas. O exemplo citado mostra que, se levarmos em consideração a afirmação contida nesses estudos, teremos estruturas semanticamente mal-formadas, como **a clock which is electrical*, ou estruturas com significados diferentes, como em *logical fallacy* (*a fallacy in logic or logical reasoning*) ‘falácia na lógica’ e a *fallacy which is logical* (*a fallacy which conforms to the rule of logic*) ‘falácia lógica’. Um fato enigmático na língua inglesa é que o significado dos adjetivos não predicativos pode mudar dependendo do núcleo que eles modificam. Por exemplo, em *musical criticism*, temos “crítica de música”; em *musical clock*, temos “relógio que toca músicas”, e em *musical voice*, temos “voz melódica”. Uma outra característica peculiar desse tipo de adjetivo é que ele geralmente ocupa a posição destinada aos substantivos, ou seja, ele tem características sintáticas (distribucionais) e semânticas muito semelhantes aos substantivos. Por isso, trabalha-se com a hipótese de que os adjetivos não predicativos sejam derivados dos substantivos. Por exemplo, há *linguistic difficulties* e *language difficulties* ‘dificuldades linguísticas’ e ‘dificuldades

Quanto à estrutura, os três tipos de CNs apresentados por Levi têm em comum o fato de serem formados por um núcleo (um substantivo) modificado por um modificador (seja ele um substantivo ou um adjetivo).

O principal pressuposto de seu trabalho é que os CNs são derivados de apenas dois processos sintáticos: a supressão predicativa e a nominalização predicativa. Ambos os processos serão apresentados mais adiante. É importante ressaltar, no entanto, que, como o escopo do estudo não compreende os compostos derivados a partir do processo de nominalização do núcleo ou modificador, será dada uma maior atenção à apresentação da supressão dos predicados.

A autora ressalta que sua teoria compreende apenas os CNs endocêntricos. Os CNs exocêntricos estariam fora do escopo de seu trabalho, assim como os compostos formados por nome próprio (*Rockefeller University*) e/ou adjetivos derivados de nome próprio (*Italian ice cream* ‘sorvete italiano’). Como tais expressões são escolhidas ou inventadas por razões geralmente extralinguísticas, a autora os exclui do estudo. Ela afirma que seu objeto de interesse são os CNs derivados de processos gramaticais. Outro grupo de compostos excluído do estudo é o formado por adjetivos não predicativos derivados de advérbios e não de substantivos, como *heavy smoker* (*someone who smokes heavily*) ‘fumante inveterado’ e *individual decision* (*a decision made individually*) ‘decisão individual’.

Levi afirma, portanto, que sua teoria é limitada a formas não lexicalizadas, não idiomáticas, não especializadas e, na maioria das vezes, não metafóricas. A separação de seus dados dos outros não contemplados pelo livro é importante, uma vez que se desfaz uma confusão comum na literatura. É necessário distinguir entre possíveis compostos derivados de regras gramaticais e os itens já lexicalizados. Estes estão cristalizados na língua e têm natureza idiossincrática; logo, muitas vezes é necessário recorrer a elementos históricos e culturais para se explicar esse tipo de estrutura.

A autora também critica os teóricos que, ao não saberem lidar com a complexidade da estrutura N + N, a classificam como algo que faça parte do léxico, algo idiossincrático, impassível de ser derivado de processos gramaticais.

da língua’, respectivamente; *atomic bomb* e *atom bomb* ‘bomba atômica’, e ambos os pares são sinônimos.

A autora contra-argumenta que, se assim o fosse, o dicionário deveria dar conta de todos os compostos, o que é impossível, dada a produtividade da estrutura discutida na seção 2.3.

Sendo assim, Levi refuta a idiosincrasia proposta por pesquisadores como Jespersen (1942) e Chomsky (1970, 1972) para alguns grupos de CNs. De acordo com a autora, uma das razões para esta alegação é o fato de que, na maioria das vezes, a relação semântica entre o pré-modificador e o núcleo não é clara. O mesmo modificador com diferentes núcleos gera estruturas profundas muito diferentes. Por exemplo, *tree branches* ‘ramos das árvores’ significa *branches that trees HAVE* (as árvores têm ramos); *tree nursery* ‘viveiro de mudas’ significa *nursery FOR trees* (viveiro para muda de plantas) e *tree house* ‘casa na árvore’, *house built IN a tree* (casa construída na árvore). Mais intrigante ainda, o mesmo núcleo com diferentes modificadores também não é garantia de que a relação semântica entre o núcleo e o modificador será constante. Em dois CNs com diferentes adjetivos não predicativos como modificadores e um mesmo núcleo, tem-se *musical clock* ‘relógio que toca músicas’ (*a clock that produces music*) e *electrical clock* ‘relógio elétrico’, que teria como paráfrase *clock powered by electricity* (relógio movido à eletricidade) e não *clock that produces electricity* (relógio que gera eletricidade).

Levi credita parte dessa confusão ao fato de que, apesar de apresentar uma leitura potencialmente ambígua, a maioria dos CNs reflete uma leitura aceitável e institucionalizada, parecendo até que já está lexicalizada.

A autora constrói, portanto, uma teoria baseada na premissa de que os CNs são formados por processos gramaticais, e que suas regularidades ou complexidades são passíveis de serem analisadas sintática e semanticamente.

As principais premissas do estudo de Levi (1978) são:

- 1- Os grupos nominais complexos são derivados de uma estrutura profunda de um SN contendo um núcleo e uma S completa (tanto na forma de uma oração relativa ou de uma construção SN-complemento). Na superfície, eles seriam dominados por uma estrutura N, uma vez que a autora alega que eles se comportam como um nome.
- 2- Qualquer CN é ambíguo e apresenta um número reduzido e previsível de leituras. Ainda que uma leitura prevaleça sobre as outras ou que seja

exclusiva em uma dada comunidade ou durante determinado período, a teoria tem de dar conta das estruturas ambíguas, uma vez que a ambiguidade em potencial faz parte da competência do falante. Além disso, segundo a autora, a teoria não irá privilegiar uma das possibilidades, mas sim prever todas as estruturas semânticas possíveis.

3- Todos os CNs são derivados de apenas dois processos sintáticos: a supressão e a nominalização do predicado.

3.2 As categorias semânticas propostas por Levi (1978)

Nesta seção, será apresentado o processo de supressão dos nove predicados propostos por Levi. Em um segundo momento, será mostrado de maneira sucinta o processo de nominalização, já que, conforme já dito, o foco deste trabalho é o estudo dos compostos que não apresentam uma relação de sujeito e verbo ou verbo e complemento. Posteriormente, serão mencionados os grupos de compostos nominais excluídos por Levi.

3.2.1 A supressão dos predicados

A autora defende que os CNs resultantes da supressão predicativa provêm da supressão dos Recoverably Deletable Predicates (RDPs) (elementos primitivos semânticos). Levi considera nove RDPs e afirma que esses dariam conta de todas as relações semânticas oriundas na supressão predicativa. Os RDPs são CAUSE, HAVE, MAKE, USE, BE, IN, FOR, FROM e ABOUT (CAUSA, TER, FAZER, USAR, SER, EM, PARA, DE e SOBRE). Esses RDPs representam as relações semânticas existentes entre os CNs na estrutura profunda, daí a ambiguidade dessas expressões, uma vez que os CNs são formados a partir da exclusão dos elementos de explicitação da relação entre os termos (também chamados pela autora de “predicados”).

É importante frisar que a explicitação ou não desses predicados fica a critério do falante, de seu objetivo e, às vezes, do contexto. Tanto faz dizer *horse doctors* ‘veterinário que cuida de cavalos’ quanto *doctors for horses*. Ainda, a ambiguidade pode ser drasticamente reduzida na fala corrente através de pistas semânticas, lexicais ou pragmáticas.

A derivação dos CNs não resulta em uma perda irreversível de informações, mas sim em um conjunto de possibilidades de leitura. Conclui-se, portanto, que a concisão não é sinônimo de perda de informação, mas sim de múltipla ambiguidade.

Uma inspeção cuidadosa das relações semânticas entre o núcleo e o pré-modificador expressas pelos nove predicados mostra que essas não são infinitas como muitos teóricos (dentre eles, Jespersen, 1942) acreditavam, mas sim restritas a um número limitado de possibilidades (Levi, 1978; Lauer; 1995; Girju, 2007).

Levi aponta que a vantagem de usar esses nove RDPs é que um número limitado de elementos primitivos semânticos daria conta de todos os casos de supressão do predicado. Além disso, ela sugere que há algumas evidências de que esses predicados sejam universais.

A autora optou por predicados bem simples e gerais, uma vez que fica fácil prever com precisão as estruturas semânticas que subjazem os CNs. Além disso, o número reduzido de predicados gerais abrange relações bem mais específicas, o que seria mais um ponto a favor do uso deles.

Por outro lado, Levi afirma que reduzir ainda mais esse conjunto de RDPs seria inadequado e inútil. Ela acredita que — embora sua teoria não dê conta de tudo o que sabemos sobre o significado de cada CN, uma vez que parte do significado é previsível através de fatores semânticos independentes e outra parte é resultado de lexicalização e, portanto, imprevisível —, a análise baseada nos RDPs capta todos os aspectos produtivos da formação dos CNs e, portanto, todas as informações que uma gramática pode prever. A teoria proposta não oferece nem o máximo da generalização, nem um mínimo, mas sim algo intermediário.

Dentre os nove predicados presentes na estrutura profunda e suprimidos na estrutura superficial, de acordo com a teoria da autora, cinco são verbos (CAUSE, HAVE, MAKE, USE e BE) e quatro são preposições (IN, FOR, FROM e ABOUT).

O primeiro predicado mostrado por Levi é o verbo CAUSE. As estruturas intermediárias formadas pelo predicado CAUSE podem apresentar diferentes sentidos, como as causas direta e indireta e as causas “manipulativas” ou “diretivas”. Como essas diferenças não afetam as derivações dos CNs, CAUSE pode ser tratado como um único predicado que abrange todas as diferentes nuances de causa. Segundo sugerem os dados de Levi, os CNs do grupo N-

causing são bastante restritos [Exs.: *malarial mosquitoes* ‘mosquito da malária’ (*mosquitoes which cause malaria* > *mosquitoes causing malaria*), *traumatic event* ‘evento traumático’ (*event causing trauma*), *tear gas* ‘gás lacrimogêneo’ (*gas causing tears*) e *disease germ* ‘germe que causa doenças’ (*germ causing disease*)]. Ainda, nesse grupo, há os N-causing que, por razões desconhecidas, segundo a autora, não podem ter o predicado suprimido, como *cancer-causing chemicals* ‘produtos químicos que causam câncer’ e *pollution-causing processes* ‘processos causadores de poluição’ (**cancer chemicals* e **pollution processes*). No entanto, como as línguas são dinâmicas e há um hiato de mais de trinta anos entre a publicação do livro e a presente data, percebe-se, através da consulta à internet, que *pollution processes* já é uma construção possível na língua inglesa. Uma possível explicação para a mudança é que, como o meio ambiente é um assunto tão em voga ultimamente, já não se acha mais necessário utilizar o predicado *causing*. Parece que o constante uso consagrou a expressão. Já todos os N-caused podem ser suprimidos. Exs: *drug deaths* ‘mortes em decorrência do uso de drogas’ (*deaths caused by drugs*).

É interessante observar que os modificadores dos compostos nominais derivados da supressão de CAUSE no particípio presente (N-causing) são o objeto direto da oração relativa na estrutura profunda, enquanto que os compostos derivados da supressão de CAUSE no particípio passado (N-caused) são o sujeito da oração relativa. Portanto, no primeiro caso (o qual a autora chama de CAUSE₁), pode-se dizer que o núcleo é o desencadeador ou a causa, enquanto no segundo (CAUSE₂), o modificador é que desempenha esta função. Para fins de clareza, em *flu virus* ‘vírus da gripe’ ou ‘vírus que provoca a gripe’, o núcleo *virus* é a causa da gripe; já em *sunburn* ‘queimadura de sol’ ou ‘queimadura provocada pelo sol’, o modificador *sun* é a causa da queimadura.

O predicado HAVE apresenta uma peculiaridade, uma vez que as estruturas intermediárias com o verbo HAVE no particípio ativo ou passivo nunca aparecem na superfície. Por exemplo, as paráfrases para *apple cake* ‘bolo de maçã’, **cake that is apple-having* ou **apple-having cake*, e para *lemon peel* ‘casca do limão’, **peel that is lemon-had* ou **lemon-had peel* são agramaticais. No entanto, a autora prevê mais de uma possibilidade para as estruturas intermediárias de *apple cake* e *lemon peel*, por exemplo. A paráfrase de *apple cake* pode ser tanto *cake that has apples* quanto *cake with apples*, e a de *lemon*

peel pode ser *peel that a lemon has* ou *peel of a lemon*. Isso significa dizer que as preposições *with* e *of* estariam inclusas na categoria do predicado HAVE.

Segundo a autora, enquanto as estruturas derivadas da supressão de HAVE₁ (*picture book* ‘livro ilustrado’ > *book which has picture/ book with pictures*) são um dos CNs menos produtivos, os derivados da supressão de HAVE₂ (*student power* > *power of students/ student’s power/ students have power*) figuram como os mais produtivos.

Os modificadores dos compostos derivados de HAVE₁ desempenham a função de objeto direto da oração relativa, enquanto o núcleo exerce a função de sujeito; já os modificadores dos compostos derivados de HAVE₂ funcionam como sujeito da oração relativa, enquanto o núcleo desempenha a função de objeto direto.

Os CNs do predicado MAKE podem ser derivados da supressão do particípio ativo -making ou do particípio passivo -made. Além da diferenciação entre os particípios, há também uma distinção semântica. Enquanto os derivados do particípio ativo de MAKE (MAKE₁) poderiam ser lidos como “physically producing, causing to come into existence” (Levi 1978:90) (Exs.: *silkworm* ‘bicho-da-seda’ > *worm making silk* e *honey bee* ‘abelha produtora de mel’ > *bee making honey*), os derivados do segundo (MAKE₂) geram uma leitura composicional, que indica de que o núcleo é feito (“x made up of y” ou “x made out of y” > *chocolate bar* ‘barra de chocolate’ e *bronze statue* ‘estátua de bronze’).

Levi divide a categoria MAKE₂ em três grupos, pois, apesar de compartilharem a mesma relação de “ser feito de/por”, esses compostos apresentam distinções semânticas. O primeiro grupo, formado por compostos do tipo *daisy chains* ‘grinalda de margaridas’ e *root systems* ‘sistema de raízes’, tem um modificador que denota uma unidade e um núcleo que denota uma configuração; já o segundo grupo, formado por compostos do tipo *stone wall* ‘parede/muro de pedras’ e *sugar cube* ‘cubo de açúcar’, apresenta núcleos que denotam uma quantidade/massa ou um artefato e modificadores que denotam um tipo de material. Os compostos pertencentes a esse grupo também podem ser analisados através da supressão do predicado BE. Tanto faz dizer que *bronze statue* tem a paráfrase *statue made of bronze* ou *statue which is bronze*. Segundo a autora, este fato é fruto de uma indeterminação analítica, mas não é uma

verdadeira ambiguidade semântica. Por fim, o terceiro grupo, que conta com compostos do tipo *warrior caste* ‘guerreiros’ e *student committee* ‘comitê dos alunos’, apresenta núcleos que descrevem coletivos humanos e modificadores que especificam o tipo de associação/participação do núcleo. No caso de *student committee*, o composto se refere a um comitê de alunos e não de professores, por exemplo.

Apesar das especializações semânticas que distinguem os três grupos, Levi afirma que eles compartilham o mesmo predicado (MAKE₂) nas estruturas subjacentes. O mesmo não se pode dizer quando se comparam os compostos derivados de MAKE₁ e MAKE₂, uma vez que eles não estão intimamente relacionados. Ademais, os pouquíssimos exemplos de MAKE₁ encontrados pela autora podem ser um indício de que as regras utilizadas para a supressão de MAKE no particípio ativo não são suficientemente motivadas. Um fato que corrobora para a “desconfiança” quanto à funcionalidade do predicado MAKE₁ é que compostos como *musical clock* ‘relógio que toca músicas’ e *salivary glands* ‘glândulas salivares’ poderiam também ser derivados da supressão do predicado FOR.

No entanto, Levi faz uma ressalva em relação à análise que utiliza o predicado FOR no lugar de MAKE₁: nem sempre é possível determinar uma única derivação para um composto nominal, e isso não significa dizer que a possibilidade de uma análise alternativa é indício de que uma interpretação é mais correta do que a outra. Por exemplo, o composto *suspense film* ‘filme de suspense’ apresenta duas possíveis análises, e ambas estão igualmente corretas (*a film that causes suspense/ a film that has suspense*).

Ainda que a autora reconheça as diferenças entre MAKE₁ e MAKE₂, ela acredita que seria contraproducente separá-los em duas categorias diferentes, já que não parece ser mera coincidência que os compostos derivados desses predicados apresentem o mesmo verbo (*make*) nas estruturas profundas. A colocação de MAKE₁ dentro de uma categoria PRODUCE e MAKE₂ dentro de uma categoria FORM ou CONSTITUTE resultaria em uma especificidade de sentido desnecessária e iria contra a proposta da autora de estabelecer um conjunto restrito de predicados que deem conta de um grande número de compostos, ou seja, que sejam semanticamente abrangentes.

A autora faz uma importante distinção entre dois tipos de estrutura profunda derivadas da supressão do predicado USE. O verbo USE pode ter duas leituras, uma instrumental (*electricity clock* > *clock using electricity* ‘relógio movido à eletricidade’) e outra com o verbo agentivo (**telephonic secretaries* > *secretaries using telephones* ‘secretárias que usam telefone’). Em geral, o USE instrumental aparece com nominalizações de verbos transparentes do ponto de vista morfológico, como *communication* (*telephonic communication* > *communication using telephone* ‘comunicação via telefone’) ou opacos, como *cure* (*faith cure* > *cure using faith* ‘cura através da fé’); já o USE agentivo aparece com o sujeito animado (*executives using automobiles* > **automotive executives* ‘executivos que usam carros’). Ao longo de sua pesquisa, Levi conclui que, embora USE_i (instrumental) e USE_a (agentivo) apresentem semelhanças, é evidente que eles não são iguais do ponto de vista sintático e semântico. Apenas os compostos derivados da supressão de USE no sentido instrumental são relevantes para seu estudo.

Levi aponta também para a dificuldade de se achar exemplos de estrutura profunda com o verbo USE_i na passiva. Ao longo de cinco anos de pesquisa, a autora afirma não ter se deparado com supostas leituras de CNs do tipo *mechanical electricity* ‘energia usada por máquinas’ (*electricity used by machines*), que seriam oriundos de USE na passiva. Exemplos parecidos, como *industrial electricity* ‘energia para indústrias’ (*electricity used for industries*), são mais bem analisados com a leitura “*electricity FOR industries*”. Já que o predicado FOR é semanticamente vago, a utilização de informações adicionais, como o verbo *use* neste caso, além de conhecimento de mundo e do contexto, auxiliam a interpretação do CN.

A autora trabalha, então, somente com o predicado USE no sentido instrumental (com o verbo USE no particípio ativo), como em *telephonic communication* ‘comunicação via telefone’ (*communication using telephone*). Para os CNs derivados da supressão de USE, cujo núcleo denota um objeto ao invés de uma atividade, a paráfrase mais aceita é “x using y in order to function”. Por exemplo, em *steam iron* ‘ferro a vapor’, a melhor paráfrase será “iron using steam to function”. Já para o núcleo que é um substantivo deverbal, como em *vehicular transport* ‘transporte veicular’, a paráfrase é simplesmente “transport using vehicle”.

O predicado BE pode dar origem a três tipos de CN: os do tipo composicional, cujo modificador denota o material do qual o núcleo é feito, podendo ter uma outra análise — a do segundo sentido de MAKE —, mencionado anteriormente (*bronze statue*); o do tipo “gênero-espécie”, em que o núcleo denota uma categoria em que o modificador isola um subtipo (*cactus plant* ‘cacto’, *winter season* ‘inverno’, *sports activities* ‘atividades esportivas’ e *consonantal segments* ‘segmentos consonantais’), e os que são usados em um sentido metafórico (*mother church* ‘igreja matriz’, *sister node* ‘nódulo irmão’, *finger lakes* ‘lagos cuja distribuição se parece com dedos’)¹⁷. Esse último tipo mostra que nenhuma descrição gramatical pode prever se o CN é uma metáfora e de que forma ela deve ser interpretada. A autora separa os CNs metafóricos dos outros dois grupos justamente para mostrar a riqueza do predicado BE em gerar tanto compostos metafóricos criativos quanto lexicalizados.

Há também outros dois grupos, os quais ela não considera CNs por, respectivamente, figurarem como um CN exocêntrico e por serem usados por razões estilísticas, de ênfase: os do tipo coordenado (*speaker-listener > a person who is [both] a speaker and a listener* ‘falante-ouvinte’) e os do tipo reduplicado (*house-house*, como em *Is it a hoúse house or just a cabin?*¹⁸ ‘É uma casa casa ou só uma cabana?’).

Compostos como *speaker-listener*, os chamados *dvandva compounds* ou compostos copulativos, são considerados exocêntricos porque, diferentemente de *student listener* ‘ouvinte que é aluno’, em que *listener* identifica um subgrupo do núcleo, *speaker-listener* identifica uma pessoa que é ao mesmo tempo ouvinte e falante. Sendo assim, *speaker* não identifica um subtipo de *listener*, nem o modifica; no entanto, *speaker-listener* modifica o núcleo *person*, que é suprimido nas estruturas intermediárias e não chega à superfície.

Quanto à reduplicação, a autora afirma ser muito improvável que apareçam exemplos dessa natureza em estudos formais (talvez mais por razões estilísticas do que teóricas), uma vez que são expressões coloquiais. Além disso, essas formas reduplicadas podem muito bem ser substituídas por adjetivos como

¹⁷ Esse tipo de exemplo é análogo à expressão em português “dedo de Deus”, que se refere a uma montanha em Teresópolis, cujo pico lembra o formato de um dedo. Esses exemplos são tratados como exceções por Levi, porque são resolvidos por associações a formas, objetos e são impassíveis de uma explicação gramatical.

¹⁸ O acento utilizado aqui indica a tonacidade da leitura e foi reproduzido do original (Levi, 1978:94).

real ou *true*. (*Is it a real house or just a cabin?*) Como a reduplicação não é um fenômeno de todo esclarecido em relação à função semântica e a derivação sintática, a autora exclui esse tipo de estrutura do escopo de seu trabalho.

Após analisar os predicados “verbais”, Levi passa então para a descrição dos predicados “preposicionais”. As preposições fazem parte do conjunto de RDPs, porque apresentam objetos nominais, formam compostos adjetivais com esses objetos e podem ser suprimidas desses compostos para formar complexos nominais. Na realidade, elas também podem ser parafraseadas por locuções verbais, que em nada se diferenciam das relações semânticas expressas pelas preposições. As preposições IN, FOR, FROM e ABOUT podem ser expressas, respectivamente, pelas locuções verbais: *be located (at)*, *be intended (for)*, *derive/be derived (from)* e *concern/be concerned (with)*.

A preposição IN representa um predicado locativo geral, ou seja, que se refere à localização espacial, temporal, concreta ou abstrata. Na língua inglesa, esse predicado pode ser lexicalizado pelas preposições *in*, *on* e *at*. A escolha de uma delas depende de restrições semânticas e idiossincráticas (lexicais). Na verdade, a regra RDP não apaga especificamente o item lexical *in* na superfície, mas sim qualquer nó denominado preposição que seja a lexicalização do predicado geral IN. A lexicalização da preposição na superfície é um fenômeno tênue, que não afeta a aplicação da regra RDP.

Os únicos sintagmas preposicionados que podem ser transformados em CNs (através da supressão da preposição IN na estrutura intermediária) são aqueles cuja preposição é derivada do IN locativo (Exs.: *city/urban transportation* ‘transporte urbano’ > *transportation in cities*; *earth/terrestrial life* ‘vida terrestre’ > *life on earth*). Todas as outras preposições (como UNDER e BETWEEN) devem ser antepostas aos modificadores na forma de prefixos latinos (sub- *subterranean life* ‘vida subterrânea’ > *life under earth*) ou como uma parte morfológica no composto adjetival (Ex.: *out-of-office* ‘fora do escritório’).

A preposição FOR é bastante produtiva para gerar CNs que derivam de estruturas intermediárias como “x is for y”. Há outras fontes para o FOR lexical: o predicado no sentido de favorecimento, como em *a vote for abortion* ‘voto a favor do aborto’, e construções em que a preposição FOR é semanticamente vazia junto a determinados objetos, pois ela funciona como um marcador de caso (Ex.: *His appeal for money* ‘seu apelo por dinheiro’ gera a forma nominalizada *appeal for*

money ‘apelo por dinheiro’), não podendo ser suprimida. Estes dois casos não são relevantes para o estudo dos predicados mostrados por Levi, uma vez que o primeiro resultaria em uma estrutura do tipo *pro-abortion vote* e o segundo seria gerado a partir de uma nominalização do verbo.

É interessante ressaltar que CNs com a supressão da preposição FOR podem ser acrescidos de mais informações, sem que haja alteração no processo de supressão. Por exemplo, *fertility pill* ‘comprimido para (aumentar) a fertilidade’ e *headache pills* ‘comprimido para (diminuir) a dor de cabeça’, apesar de serem derivados do processo de supressão do mesmo predicado (FOR), apresentam leituras opostas: *pills to increase fertility* e *pills to decrease headache*, respectivamente. O predicado FOR seria, portanto, bastante opaco, possibilitando uma especificação de sentidos, sem, no entanto, prejudicar o processo de supressão da preposição.

O predicado FROM é usado nas estruturas intermediárias dos CNs cujos pré-modificadores denotam a fonte do núcleo. Na maioria das vezes, a fonte é um objeto natural, de origem vegetal ou animal (*olive oil* ‘azeite de oliva’, *cane sugar* ‘açúcar da cana’, *alligator leather* ‘couro de crocodilo’). Há também os CNs derivados do sentido locativo da preposição FROM (*store clothes* ‘roupas da loja’ > *clothes from stores*, *rural visitors* ‘visitantes rurais’ > *visitors from the country*). Ainda que o predicado FROM não seja tão produtivo quanto alguns outros, a autora destaca a homogeneidade semântica que esse tipo de supressão acarreta. Isso significa dizer que quase todos os exemplos são análogos ou a *olive oil* — em que o núcleo denota um produto obtido por uma atividade, que pode envolver um processo natural (por exemplo, “derreter” para *bacon grease* ‘gordura do bacon’); tecnológico (“destilação” para *corn whiskey* ‘uísque feito a partir de uma mistura contendo 80% de milho’), ou algum tipo de manipulação humana (“atividade de aplainar” para *wood shavings* ‘aparas de madeira’) ou a *store clothes* ‘roupas da loja’, em que o modificador denota um lugar. Aparentemente, não há exceções, as supressões são sempre da mesma natureza.

Já o predicado ABOUT apresenta um grande número de equivalentes lexicais, o que acarreta uma relação semântica rica (*concerning/concerned with*, *dealing with*, *pertaining to*, *on the subject of*, *on*, *about*, *over*). Uma outra característica do predicado ABOUT é que os núcleos que formam os CNs derivados da supressão desses objetos geralmente são substantivos abstratos ou

nominalizações de atividades (Exs.: *abortion vote* ‘voto sobre a proibição ou não do aborto’; *linguistic journal* ‘periódico/revista de linguística’; *political discussion* ‘discussão política’; *sports magazine* ‘revista de esportes’; *price debate* ‘debate sobre preços’). Os modificadores, em geral, também são abstratos.

Apesar de haver compostos que apresentem uma leitura que inclua uma relação de semelhança, Levi exclui LIKE de sua teoria. Segundo a autora, há um conjunto de CNs que pode ser tratado como metáforas completas, como *coffin nail* que significaria “cigarros”, ou metáforas parciais, como *mother church* ‘igreja matriz’. As metáforas completas não podem ser previstas através de processos gramaticais; já as metáforas parciais, ou seja, os CNs com apenas um componente com sentido metafórico podem ser analisadas através da supressão do predicado BE, como mencionado anteriormente.

Há um segundo conjunto em que a forma superficial permite duas leituras: uma básica e outra estendida. Essa forma estendida poderia ser analisada da seguinte maneira: “N₂ which is like N₁N₂”. Esses tipos de CNs seriam chamados de CNs símiles, e o processo gramatical não daria conta de explicá-los. Seria necessário, portanto, incluir princípios pragmáticos para explicar esse tipo de estrutura, o que fugiria do escopo do estudo de Levi.

Eis alguns exemplos: em *imperial bearing* ‘atitude imperial’, ter-se-ia *bearing that an emperor has* ou *bearing like (the) bearing that an emperor has*; em *maternal attentions* ‘atenções maternas’, ter-se-ia *attentions of a mother* ou *attentions LIKE the attentions [which are typical] of a mother*. Para os compostos N-N, haveria *city amenities* ‘comodidades urbanas’ (*amenities that cities have* ou *amenities like the city amenities*) e *family problems* ‘problemas familiares’ (*problems that families have* ou *problems like family problems*).

Um dos principais motivos para a exclusão de LIKE do conjunto de RDPs é que a supressão do mesmo geraria uma leitura que incluiria a supressão de um outro RDP. De acordo com Levi (1978:112),

LIKE cannot be analyzed as an RDP since its deletion would produce a reading which itself includes a reading based on the deletion of another RDP; this is quite different from the analysis of true RDPs, which generate CNs by derivations that are mutually exclusive and independent of each other¹⁹.

¹⁹ “LIKE não pode ser analisado como um RDP, uma vez que sua supressão gera uma leitura que inclui uma outra baseada na supressão de um outro RDP. Esse fato é bem diferente dos verdadeiros RDPs, que geram CNs através de derivações que são mutuamente exclusivas e independentes”.

Para se chegar até *imperial bearing* a partir do sentido estendido, seria necessária, além da supressão de LIKE, a supressão de outro predicado, o HAVE, enquanto no sentido básico (*a bearing that an emperor has*) foi necessário apenas suprimir um predicado, o HAVE.

Quanto ao processo de derivação dos CNs, Levi observa que as regras de supressão dos predicados são cíclicas (propriedade da recursividade). Isso quer dizer que o processo de supressão pode ser repetido inúmeras vezes, sendo o resultado de um processo o início do outro. Assim, é possível dizer *doghouse* ‘casa de cachorro’, *doghouse roof* ‘telhado de casas de cachorros’, *doghouse roof nails* ‘pregos para telhados de casas de cachorros’, *doghouse roof nail barrel* ‘barris de pregos para telhados de casas de cachorros’, *doghouse roof nail barrel staves* ‘aduelas para barris de pregos para telhados de casas de cachorros’, e assim sucessivamente. Neste exemplo, há repetidas composições do CN anterior com a preposição FOR e depois a supressão dessa preposição pelo processo de RDP.

Outra observação interessante é que as regras são transformações opcionais, uma vez que as origens dessas estruturas — as orações relativas — são gramaticais; logo, é possível tanto dizer *thermal stress* ou *heat stress* quanto *stress caused by heat* ‘estresse causado pelo calor’; *musical clocks* ou *clocks which produce music* ‘relógios que tocam música’ e *marginal notes* ou *notes which are in the margins* ‘notas marginais ou que ocupam as margens de uma folha’.

Entre o *input* e o *output*, há estágios intermediários em que é muito comum que o verbo, por exemplo, seja transformado em um composto adjetival. Vejamos o caso de *heat stress* > *heat caused by stress* > *heat-caused/causing stress* (composto adjetival) > *heat stress*. O processo chamado Recoverable Predicate Deletion suprime o elemento predicativo do composto adjetival, seja esse elemento verbal ou preposicional (no caso de *marginal notes*, por exemplo, haveria um estágio intermediário “in-margin notes”).

Posteriormente, há uma adjunção proposta pela teoria de Chomsky (1965). Essa adjunção se dá entre o nome restante da supressão do predicado e o núcleo do SN. Como a adjunção dos dois nomes é a etapa em que se cria a unidade sintática inviolável do CN, esta pode ser chamada de “formação do CN”. Como a união sintática entre os dois substantivos é muito forte (o modificador e o núcleo são vistos como uma unidade, como um único substantivo), não há possibilidade

de haver um elemento entre o modificador substantivo ou adjetivo não predicativo e o núcleo. Por exemplo, se quiséssemos dizer em inglês que um barbeador é elétrico e caro, não poderíamos dizer *an electric (*and expensive) shaver*. A ordem deveria ser *an expensive electric shaver*.

A autora defende o uso do conjunto de RDPs como sendo a teoria mais satisfatória para dar conta de estruturas semânticas e do comportamento sintático dos CNs, uma vez que os argumentos apresentados vão muito além de dizer que os CNs são idiossincráticos ou tão variáveis que se tornam difíceis de serem analisados. No entanto, ela admite que haja outras teorias e menciona que os lexicógrafos dariam conta desse tipo de estrutura com regras de interpretação semântica.

Teoricamente, os CNs seriam extremamente ambíguos, pois na superfície não se consegue identificar de imediato a relação de modificação. Há a possibilidade de nove RDPs, sendo três delas (CAUSE, HAVE, MAKE) sintaticamente ambíguas, uma vez que o modificador pré-nominal pode ser derivado tanto do sujeito como do objeto do predicado. Há ainda os CNs derivados da nominalização, que serão apresentados a seguir. A autora afirma que, em um primeiro momento, também não dá para diferenciar se o CN é derivado de um processo de supressão ou nominalização.

No entanto, Levi afirma que a maioria das ambiguidades é reduzida a proporções aceitáveis e é resolvida através de pistas semânticas, da lexicalização e de conhecimentos pragmáticos e extralinguísticos (enciclopédicos).

3.3 A nominalização

Os compostos oriundos do processo de nominalização apresentam um núcleo substantivo verbal, isto é, derivado de um verbo, e um modificador pré-nominal, que é o sujeito ou objeto direto desse verbo nas estruturas intermediárias. No caso de um CN com múltiplos modificadores, os modificadores seriam SNs “sujeito” e “objeto direto”. A autora propõe então uma classificação dos dados relevantes baseada primeiramente no núcleo e depois de acordo com o pré-modificador. A caracterização baseada no núcleo representa quatro distinções fundamentais: *act nominalization*; *product nominalization*; *agent nominalization* e *patient nominalization*.

Além de parecer que alguns tipos se confundem, a paráfrase proposta pela autora é complicada. Talvez fosse pouco provável que um falante chegasse a essa especificidade na primeira tentativa. Vejamos os exemplos:

a) Act Nominalization

- *parental refusal* ‘recusa dos pais’
(o modificador é o sujeito do verbo) – “act of parents refusing”
- *musical criticism* ‘crítica musical’
(o modificador é o objeto do verbo) – “act of criticizing music”

b) Product Nominalization

- *human error* ‘erro humano’
(o modificador é o sujeito do verbo) – “that which is produced by (the act of) humans erring”
- *musical critique* ‘crítico de música’
(o modificador é o objeto do verbo) – “that which is produced by (the act of) criticizing music”

c) Agent nominalization

- *mail sorter* ‘aquele responsável por organizar e distribuir correspondências’
“x such that x sorts mail”
- *film cutter* ‘cortador de filme’
“x such that x cuts film”

d) Patient nominalization

- *student invention* ‘invenção dos alunos’
“y such that students invent y”
- *presidential appointee* ‘nomeado pelo presidente’
“y such that presidents appoint y”

Levi menciona a confusão que se faz entre os processos de *product* e *patient nominalizations*, já que ambos se referem, até certo ponto, ao produto de

determinado(s) ato(s). Ademais, em um primeiro momento, os processos de *act* e *product nominalizations* também geram certa dúvida. A autora menciona que a última incluiria a primeira ao dar o seguinte exemplo: *municipal oil imports* ‘importações de petróleo pelo município’. Tal CN pode tanto se referir ao ato de importar como ao produto da importação, ou seja, o produto da ação de importar.

A diferenciação entre uma interpretação e outra às vezes pode ser evidenciada pela sufixação. Por exemplo, *constitutional amending* ‘emenda constitucional’ seria *the act of amending the constitution* e *constitutional amendment* ‘emenda constitucional’ seria *the product of (the act of amending the constitution)*. Neste caso, na tradução para o português, perde-se essa diferenciação.

Levi aponta que, apesar dessas quatro distinções propostas por ela — e até aquele momento não reconhecida por nenhuma teoria gerativista —, a morfologia da língua inglesa (bastante simplificada) torna ainda mais difícil a diferenciação, uma vez que os substantivos podem preservar sua forma mesmo em funções diferentes. Por exemplo, o substantivo *invention* ‘invenção’ se mantém assim em todas as categorias (*act*, *product* e *patient*), exceto em *agent* (*inventor*).

Em relação aos modificadores, Levi classifica as estruturas nominalizadas (NOM CNs) em duas grandes categorias, levando-se em conta a origem sintática dos pré-modificadores. Se o pré-modificador figurar como sujeito nas estruturas intermediárias, o grupo nominal complexo será classificado como *Subjective CN*; se ele figurar como objeto direto, será chamado de *Objective CN*. Caso haja modificadores que funcionem tanto como sujeito quanto objeto na posição pré-nominal, ter-se-á uma terceira categoria: a dos compostos com múltiplos modificadores (*Multi-Modifier NOM CNs*).

Analisando as paráfrases dos quatro tipos de nominalização propostos por Levi e listadas anteriormente, percebe-se que a análise transformacional detalhada por ela mostra dois tipos de estruturas intermediárias: uma com construção do complemento SN, que dá origem às *act* e *product nominalizations*, e outra com construção relativa para as *agent* e *patient nominalizations*.

A derivação dos processos de nominalização apresentados pela autora conta com um grande número de opções transformacionais, o que é o reflexo da variedade de formas estruturais.

Uma caracterização completa da gramática das nominalizações deve reconhecer não apenas as regularidades sintáticas e semânticas, mas também a enorme variedade morfológica e as complexidades semânticas da língua inglesa.

Assim como no conjunto de regras usado para a supressão do predicado, as regras de nominalização são recursivas e cíclicas. Isso significa dizer que essas regras geram CNs de qualquer tamanho e complexidade.

Ademais, Levi aponta que, em um CN complexo, podem coexistir os dois processos de formação de CNs: a supressão e a nominalização do predicado. Há exemplos em que um CN é formado primeiro pela supressão e depois pelo processo de nominalização. A nominalização teria como argumentos subjacentes os CNs resultantes da supressão de um predicado. Ex.: [*minority student*] [*counseling service*] *demand* ‘exigências de serviços de orientação psicológica para estudantes de minoria social’. Os dois primeiros CNs são formados pela supressão dos predicados BE e FOR, respectivamente (*students who are minority*) e (*service for counseling*). Posteriormente, haveria a nominalização do verbo *demand*.

Também é possível que um CN seja primeiro formado pela nominalização e que depois sirva como um dos nomes que formam a supressão do predicado. Há exemplos cujo núcleo é nominalizado (*elbow inflammation* ‘inflamação do cotovelo’/*poetry translation* ‘tradução poética’) e outros em que o modificador é nominalizado (*treatment room* ‘sala para tratamento’/*translation problems* ‘problemas de tradução’), e ainda exemplos em que o núcleo e o modificador são nominalizados (*shock treatment* ‘tratamento com choque’/*abortion vote* ‘voto sobre a proibição ou não do aborto’).

Existe ainda um caso mais complicado, em que um Nom CN perfeitamente formado seria o *input* para a supressão do predicado. Em um conjunto, os Nom CNs de variados tipos servem de pré-modificadores e em outro eles são o núcleo do CN. Exs.: [*bomb testing*] *fallout* ‘resultado de testes atômicos’ (Obj-Act; FOR)/ [*science teacher*] *institute* ‘instituto para professores de ciências’ (Obj.-Agent; FOR); *hormonal* [*symptom suppression*] ‘eliminação dos sintomas através do uso de hormônios’ (Obj.-Act; USE)/ *diabetes* [*blood test*] ‘teste sanguíneo para detectar diabetes’ (Obj.-Act/Prod; FOR), respectivamente.

3.4 Implicações da teoria proposta por Levi (1978)

Após apresentar os dois processos de derivação dos grupos nominais complexos, Levi aborda as implicações de sua teoria. A autora inicia mostrando que o falante de língua inglesa tem um número considerável de opções para selecionar a estrutura de superfície. Isso acontece devido ao grande número de regras opcionais. O falante pode escolher entre a nominalização com argumentos pré-nominais e pós-nominais, entre uma forma de CN concisa e outra mais perifrástica, ou entre um pré-modificador substantivo ou adjetivo denominal. Sendo a adjetivação morfológica muitas vezes uma regra opcional, foi comprovado, segundo a autora, que os falantes usam uma forma ou outra sem distinção. No entanto, parece que alguns CNs têm preferência, como *picture book* ao invés de *pictorial book* ‘livro ilustrado’ e *digestive system* no lugar de *digestion system* ‘sistema digestório’.

Levi afirma também que há fatores históricos que motivam a escolha entre o substantivo e o adjetivo, e que essas escolhas são imprevisíveis e não passíveis de análise linguística; entretanto, há indícios de que haja alguns padrões regulares, resultantes de fatores sociolinguísticos e estilísticos. O grau de formalidade é um deles. Há suposições de que a opção pelo substantivo ou adjetivo é regida pelo grau de formalidade exigido em determinada situação, pelo contexto, pelo conhecimento que se tem do ouvinte etc.

E como dar conta desse tipo de estrutura na organização do léxico, ou seja, como listar os CNs como unidades em um léxico ou dicionário, e quais os mecanismos envolvidos para ligar um adjetivo nominal aos substantivos?

Levi critica o tratamento que os dicionários de língua inglesa dão a esse tipo de estrutura e reconhece que é difícil dar conta de uma estrutura extremamente fecunda e inovadora em uma “obra fechada” como um dicionário. Além disso, o modo de organização dos CNs seria um complicador, pois o mesmo modificador combinado com núcleos diferentes gera relações distintas, assim como o mesmo núcleo com modificadores diferentes.

A autora afirma ainda que os únicos CNs que deveriam figurar no léxico seriam aqueles cujo significado não seria totalmente previsto pelos princípios gramaticais dos CNs, devido ao caráter extremamente idiossincrático de um termo dentro do CN ou de todo o grupo nominal complexo. Especificar também as

possíveis relações semânticas entre o núcleo e o modificador seria, segundo a autora, fornecer ao léxico descrições redundantes, tratar de idiossincrático o que não é, e negar a ambiguidade em potencial que reside na superfície dos CNs.

Apesar de afirmar que o objetivo de seu estudo foi explorar as propriedades sintáticas e semânticas dos CNs e propor derivações transformacionais dentro do escopo da semântica gerativa, de modo a tornar as possíveis estruturas semânticas explícitas, a importância da pragmática e de alguns princípios semânticos é incontestável, uma vez que eles têm influência direta na maneira com que os falantes e ouvintes manipulam as regularidades dos CNs nos discursos.

São esses princípios semânticos e pragmáticos que auxiliam o falante e o ouvinte a selecionar a escolha mais plausível dentre as estruturas semânticas gramaticalmente possíveis, e depois a tentar descobrir qual objeto real poderia ser relacionado àquela forma. Esses dois princípios são importantes para atenuar a ambiguidade dos CNs.

É importante enfatizar que, na comunicação, o que importa é ser compreendido. Se um falante fala em *musical talent* ‘talento musical’ pensando em *talent in (the field of) music* (com a supressão do predicado IN), e o ouvinte interpreta o mesmo CN como *talent for (performing or creating) music* (com a supressão do predicado FOR), isso pouco importa para a compreensão do CN, e é improvável que interfira no sucesso comunicativo.

Levi também defende a ideia de que os processos de supressão e nominalização, com todos os conjuntos de restrições, seriam universais para as línguas que permitem a construção do CN. Segundo a autora, a superfície dos CNs é que seria diferente entre algumas línguas. Por exemplo, algumas línguas (como o francês) teriam um processo de adjetivação dos substantivos bastante rico e outras favoreceriam a estrutura N + N (como o hebraico). Um línguas teriam a estrutura N + N completamente proibidas ou desfavorecidas em favor da inserção de um morfema gramatical (o *de* em francês e português, por exemplo).

Duas características sintáticas universais são as seguintes: os CNs se formam pela adjunção de dois substantivos de cada vez, gerando uma ramificação binária, e os processos de nominalização tendem a gerar estruturas isomórficas²⁰.

Em relação aos universais pragmáticos, pode-se dizer que os CNs têm a função de nomear; há o predomínio de relações permanentes ou habituais²¹ entre os termos, e que a concisão e eficiência dos CNs sempre irão prevalecer sobre a ambiguidade da estrutura, ou seja, nenhum falante irá deixar de utilizá-la devido à sua ambiguidade.

3.5 As estruturas fora do escopo do estudo de Levi (1978)

Em um capítulo em separado, Levi mostra os dados que estão fora do escopo de seu estudo e apresenta suas justificativas. Segundo a autora, há alguns exemplos que apenas aparentam ser CNs, mas que fogem dos processos de formação dos mesmos. Dentre os exemplos desconsiderados pela autora, estão os compostos formados por “palavras com sufixo”, os que têm como modificadores unidades de medida, os CNs cujo modificador adjetival é derivado de advérbios em vez de substantivos, e os CNs formados pela palavra *Watergate* como modificador. Tal palavra remete a uma situação política e envolve uma extensão semântica por metonímia, não podendo ser explicada através da formação dos CNs.

Conforme já mencionado, a teoria de Levi exclui os CNs excêntricos (*student-listener* ‘aluno-ouvinte’; *bird brain* ‘idiota’); idiossincráticos ou lexicalizados (*honeymoon* ‘lua-de-mel’) e os que têm modificadores derivados de nomes próprios ou advérbios (*Lincoln Road* e *central heating* ‘aquecimento central’). No entanto, a autora ressalta que esses CNs dão conta da maioria das exceções, mas não de todas, como será mostrado a seguir.

O primeiro conjunto de exceções tem a aparência de CNs, mas Levi os considera uma adjunção do tipo N-N, que é formada não por um processo sintático de supressão ou nominalização do predicado, mas sim por um processo morfológico equivalente à sufixação. Exemplos do tipo *coffee man* e *soap heiress*

²⁰ A autora afirma que esta última característica foi pouco estudada pelos pesquisadores; portanto, deve ser considerada com cautela.

²¹ Quirk *et alii* afirmam que “items placed in premodification position are typically given the status of PERMANENT or, at any rate, characteristic features” (1985:1242).

mostram que os modificadores têm mais uma função de sufixos como *-phile* (*lover of, pertaining to* etc.). O primeiro se refere a um homem que gosta de café e o segundo à herdeira de uma família que ficou rica vendendo sabonetes.

Nesse tipo de exemplo, os núcleos são teoricamente invariáveis, uma vez que é possível aceitar *coffee man* e uma variante, como *coffee girl*; mas não se pode dizer *coffee lady* ou *coffee woman* para se referir a uma mulher que gosta de café.

O segundo conjunto de exceções é pequeno e abrange os compostos formados por um modificador referente a unidades de medida (Exs.: *penny candy* ‘bala que custa 1 centavo’; *mile race* ‘corrida de 1 milha’). Levi considera essas expressões fora do escopo de seu estudo por elas serem idiossincráticas e bastante limitadas, não havendo a necessidade de acrescentar ao conjunto de RDPs predicados como COST e MEASURE. Caso esses predicados fossem acrescentados ao conjunto, seria plausível colocar também o predicado WEIGH; no entanto, ele não gera formas aceitáveis (**pound cheese*).

Um outro pequeno grupo que faz parte das exceções da teoria de Levi é o formado por adjetivos não predicativos derivados de um advérbio. Exs.: (*racial motivation* ‘motivação racial’/ *The decision was racially motivated*; *central heating* ‘aquecimento central’/ *It was centrally heated*).

Embora a autora não considere os três grupos como verdadeiros contraexemplos de sua teoria, há um outro que simplesmente não é previsível pela sua teoria. Esse grupo está excluído da proposta de Levi, porque nenhuma gramática poderia prever seu significado. Em *thalidomide parents*, por exemplo, é necessário que se tenha um conhecimento de mundo e que se recupere uma série de informações para saber que essa expressão se refere a pais que utilizaram a substância talidomida durante a gestação e, como consequência, geraram filhos com a doença denominada Síndrome da Talidomida (que provoca a aproximação ou o encurtamento dos membros junto ao tronco do feto)²².

Segundo Levi, esse tipo de composto que a gramática não dá conta de explicar é restrito — dado que, na enumeração que ela faz, muitos modificadores

²² Em português, há um exemplo cuja “construção semântica” é análoga: “filhos da pílula”. Tal expressão se refere a crianças cujas mães tomavam pílula para evitar a gravidez, mas que, por um erro das indústrias farmacêuticas, acabaram engravidando. Há aí uma relação metonímica. Esses exemplos são parecidos com as construções que têm como modificador a palavra *Watergate* (*Watergate scandal*) — com a exceção de que este é um nome próprio —, no sentido de que se deve ter uma série de conhecimentos sobre o fato para interpretar a informação da expressão.

são repetidos — e esse fato é aparentemente percebido pelos falantes de língua inglesa, ainda que a teoria proposta pela autora não reflita isso.

A autora reitera que sua teoria não elimina as inúmeras possibilidades de variação de um CN (qual RDP aparece nas estruturas intermediárias, qual é o processo de derivação — supressão do predicado ou nominalização) e a múltipla ambiguidade. Isso ocorre porque a teoria dos CNs não reflete uma única estrutura semântica para cada CN, uma vez que é impossível afirmar que todos os falantes observam o mundo da mesma forma, fazem a mesma relação cognitiva e escolhem a mesma opção como sendo a mais correta. Assim, a formação dos CNs é um reflexo de como o falante percebe o mundo à sua volta, sendo sua motivação extremamente pragmática, de modo a garantir a seleção da expressão mais concisa para que tanto falante quanto ouvinte se entendam.

A tentativa de sistematização de um assunto extremamente complexo, que ainda deixa mais perguntas do que respostas, influenciou inúmeros outros estudos. Embora seja possível apontar inúmeras falhas em seu trabalho — dentre elas a elaboração de uma teoria que dá conta de muitos compostos, mas deixa de fora tantos outros extremamente comuns na língua inglesa, a utilização de relações abstratas para explicar o processo de modificação etc. —, as principais contribuições de Levi para a área são a tentativa de organizar os CNs de acordo com um número pequeno de processos, ou seja, a autora tentou dar conta de um gama de exemplos, com diferentes características em apenas dois grandes processos (a supressão e a nominalização); o tratamento da categoria dos CNs como substantivos; a defesa de uma análise gramatical dos compostos (e, portanto, a negação de que eles sejam essencialmente idiossincráticos), e o reconhecimento de que por trás dos CNs há inegavelmente fatores semânticos e pragmáticos atuando.

3.6 A análise semântica de Warren (1978)

Nesta seção, será apresentada a primeira análise semântica proposta por Warren. Esta é a mais difundida e citada em artigos e pesquisas sobre os compostos nominais em língua inglesa. No entanto, há um artigo bem mais recente de sua autoria [*The role and/or qualia in modifier-head constructions*

(2003)], que aborda a interpretação dos compostos nominais já dentro da perspectiva do léxico gerativo de James Pustejovsky (1995).

A posição teórica mais recente de Warren será apresentada juntamente com a Teoria do Léxico Gerativo, no capítulo 4. Por ora, será interessante investigar o cerne de sua pesquisa, de modo a traçar um paralelo com uma proposta teórica contemporânea à sua, a de Levi. Posteriormente (no capítulo 4), será necessário compará-la (assim como a teoria de Levi) a desdobramentos mais recentes: Pustejovsky *et alii*; (1995-1996); Johnston & Busa (1996-1997); Warren (2003); Girju *et alii* (2005; 2007); Ó Séaghdha (2007-2008), dentro do modelo do Léxico Gerativo e da Linguística Computacional.

Em sua tese de doutorado intitulada *Semantic Patterns of Noun-Noun Compounds* (1978), Beatrice Warren estabelece duas premissas: há uma relação semântica entre os constituintes de um composto e esta relação não é igual para todos os compostos.

Baseada nessas premissas, a autora deixa claro que seu objeto de interesse é investigar se há um número limitado de relações semânticas entre os constituintes de um composto do tipo N + N e identificar essas relações e suas principais características.

Antes, porém, de analisar a semântica dos compostos, a autora descreve a estrutura deles em diferentes níveis linguísticos: morfológico, sintático, fonológico, semântico e, ainda, em relação à organização informacional. Muitas das observações apontadas pela autora já foram mencionadas no capítulo 2. Será destacado aqui apenas o que não tenha sido mencionado e seja relevante para o presente estudo.

No nível morfológico, é importante destacar que é de praxe que o primeiro elemento do composto, o modificador, não tenha sufixos flexionais. Logo, o modificador dificilmente recebe os sufixos plural e genitivo. Segundo Quirk *et alii* (1985:1333-1334), os substantivos atributivos são neutros em relação ao número (singular ou plural). No entanto, os substantivos que aparecem no plural na pós-modificação geralmente aparecem no singular quando colocados na posição pré-nominal. Por exemplo, o substantivo *arm*, que está no plural na expressão *a chair with arms*, aparece no singular em *armchair* ‘cadeira de braços’. Até substantivos que não apresentam uma forma singular, como *scissors* e *trousers*, aparecem sem a flexão típica do plural (o “s”) quando em posição pré-nominal. (Exs.: *a*

sharpen for scissors ‘amolador de tesouras’ > *a scissor sharpener*; *a press for trousers* > *a trouser press* ‘prensa para calças’).

Entretanto, os autores afirmam que o uso do composto com o pré-modificador no plural vem aumentando, principalmente no inglês britânico. Nesta variedade do inglês, é comum utilizar *systems analyst* em vez de *system analyst* ‘analista de sistemas’, forma usada no inglês americano. Segundo os autores (1985:1334), “[t]he choice of premodifying nouns in the plural rather than the singular may be attributed to a number of factors, but predominantly to the fact that an entity has been institutionalized in plural form”²³.

Em relação aos compostos com genitivo, pode-se dizer que eles fogem à regra de formação dos compostos nominais que estabelece que não haja um elemento entre o núcleo e o modificador, e o modificador com a flexão de genitivo permite a interposição de um adjetivo entre o modificador e o núcleo, como já foi mostrado na subseção 2.1.2 (*government’s recent initiatives*)²⁴.

Em relação ao nível sintático, Warren também chama a atenção para a existência de compostos com múltiplos modificadores, o que a autora denomina de *compounds-within-compounds*. Segundo Warren, um composto é formado por apenas dois constituintes, e cada um destes pode ser formado por um ou mais compostos ou unidades complexas.

Quanto à estrutura semântica, Warren classifica os elementos dos compostos como tópico e comentário. O núcleo seria o tópico (a referência do composto) e o modificador o comentário, ou seja, este caracterizaria, explicaria, especificaria ou restringiria o núcleo.

Warren caracteriza também os compostos em relação à organização da informação da estrutura. Utilizando-se do par funcionalista tema/rema, desenvolvido pelos linguistas da Escola de Praga, a autora afirma que a organização dos termos de uma estrutura não é por acaso. Ademais, uns termos

²³ “a opção por colocar os substantivos pré-modificadores no plural ao invés do singular pode ser atribuída a diversos fatores, mas, principalmente, ao fato de que uma entidade já foi institucionalizada no plural.”

²⁴ É interessante observar que Quirk *et alii* (1985:1336) apontam dois tipos de genitivo: o determinative genitive (como em *his old friend’s cottage*) e o premodifying genitive (*his old fisherman’s cottage*). Em relação ao segundo tipo, não pode haver um elemento entre o genitivo e o núcleo, e o pré-modificador pode até ser substituído por um substantivo, como em *his old country cottage*. Em exemplos como esse, o genitivo funciona como um modificador descritivo e está relacionado ao uso do genitivo em compostos, como *bull’s-eyes*. Já em relação ao primeiro tipo, o núcleo pode ainda ser modificado por outros elementos inseridos após o genitivo, como em *his old friend’s delightful but crumbling cottage*.

são mais importantes do que outros dentro de uma estrutura. O elemento que apresenta um alto grau de dinamismo comunicativo denomina-se rema; já o que apresenta um menor grau é chamado de tema. Dentro de uma sentença, a ordem dos elementos é importante para se estabelecer e compreender a relação entre eles. Warren faz uma analogia entre as sentenças e os compostos, ou seja, ela acredita que o modificador e o núcleo não tenham a mesma força informacional, assim como os diferentes elementos de uma sentença. Segundo a autora, os modificadores carregam uma carga informacional maior do que os núcleos; portanto, o elemento que funciona como rema tende a preceder o elemento temático.

É importante ressaltar que, quando a autora menciona um ‘valor informacional’, este se dá na relação entre um elemento e outro, em um determinado contexto; logo, não é um valor constante e lexicalizado. A autora também afirma que, apesar de o segundo elemento geralmente apresentar um nível informacional menor, ele não é menos importante dentro da estrutura; pelo contrário, o núcleo tem uma função primordial, a de se referir a um elemento, a de nomeá-lo.

3.6.1 O *corpus* do estudo de Warren (1978)

Para a realização da pesquisa, Warren selecionou textos de naturezas diversas (informativo, ficção, técnico etc.) e, com o auxílio de um programa de computador, a autora classificou os textos em tipos e, posteriormente, selecionou os compostos nominais e seus contextos. De um universo de 500 textos, Warren utilizou 180 deles, cada um com aproximadamente 2.000 palavras, dando um total de 360.000 palavras. Desse total, foram achados 4.557 compostos diferentes.

De forma a delinear um conceito de composto, foram descartadas de seu estudo as posições (Ex.: *Mayor Brandt* ‘Prefeito Brandt’; *poet Sandgur* ‘poeta Sandgur’; *Mount Everest* ‘Monte Everest’; *size 38* ‘tamanho 38’ etc.); a maioria dos casos de genitivo (salvo exceções que poderiam ser explicadas por outros critérios que incluíssem o genitivo como sendo um composto), e as estruturas com núcleos deverbais, em que o núcleo e o modificador expressavam uma relação de sujeito e verbo ou verbo e objeto; portanto, uma característica sentencial e não

composicional. O objeto de interesse da autora foi estudar as relações semânticas implícitas e não já expressas pelo verbo na estrutura superficial.

Além disso, foram desconsideradas as estruturas formadas por um substantivo modificador e um substantivo núcleo deadjetival, uma vez que a relação entre eles é invariável, e há uma espécie de posse inalienável (Exs.: *powder density* ‘densidade do pó’ “o pó tem densidade”; *light intensity* ‘intensidade da luz’ ‘a luz tem intensidade’ etc.), e as estruturas em que o modificador é um adjetivo denominal ou, nos termos de Levi, não predicativo.

Apesar de reconhecer a semelhança funcional entre um substantivo e um adjetivo denominal na posição pré-modificadora, Warren opta por descartar compostos como *atomic bomb* ‘bomba atômica’ e *polar bear* ‘urso polar’ de seus dados, de modo a restringir o escopo de seu estudo. Foram descartados também os modificadores que podem ser considerados tanto adjetivos quanto substantivos, como *liquid* em *liquid grease* ‘graxa líquida’ e *square* em *square mile* ‘milha quadrada’.

Posicionando seu estudo dentro de uma perspectiva sincrônica, Warren decidiu por descartar compostos cuja relação seja totalmente obscura, em que os constituintes tenham se fundido, formando uma só unidade, como em *gospel* (do *Old English gōd spell*).

Analisando as restrições dos estudos de Levi (1978) e Warren (1978), percebe-se que a delimitação de um *corpus* não é tarefa fácil. A complexidade do tema dificulta qualquer tentativa de classificação semântica dos compostos. Sendo assim, as restrições são muitas, variadas e carentes de uma explicação convincente tanto para a inclusão no *corpus* quanto para sua exclusão. A impressão que se tem, principalmente no trabalho de Warren, é que as restrições são baseadas não em critérios claros, mas sim em interesses de pesquisa. Isso fica evidente quando a autora resolve excluir compostos totalmente obscuros (como *gospel*²⁵), mas decide manter os parcialmente obscuros, como *bridesmaid* ‘dama de honra’, “for the sake of interest”²⁶ (1978:66). De acordo com Warren, *bride* é oriundo de *bryd*

²⁵ Este tipo de composto realmente deveria estar fora do escopo do estudo, uma vez que, do ponto de vista sincrônico, ele não é mais analisado como dois constituintes que possuem um referencial, mas sim como apenas um constituinte. A noção de composto perdeu-se ao longo do tempo, e a palavra passou a fazer parte do léxico. O instigante no estudo da semântica dos compostos é justamente analisar a relação semântica de compostos “novos”, ou seja, combinações imprevisíveis, mas que surgem o tempo todo na língua e são extremamente produtivas.

²⁶ “só por curiosidade”.

do *Old English* e significa casamento. Em *bridesmaid*, *bride* seria um constituinte obsoleto, tornando o composto parcialmente obscuro.

3.6.2 As relações semânticas propostas por Warren (1978)

Neste subitem, serão apresentadas as categorias semânticas propostas por Warren. De acordo com os resultados de sua pesquisa, Warren agrupou os dados em seis grandes relações semânticas, em que:

1. CONSTITUTE: o primeiro elemento contém o segundo ou vice-versa. Exs.: *student power* ‘poder dos alunos’ e *metal sheet* ‘folha de metal’;
2. BELONGING TO: o primeiro elemento é parte ou um subtipo do segundo ou vice-versa. Exs.: *armchair* ‘cadeira de braços’ e *eggshell* ‘casca de ovo’;
3. LOCATION: o primeiro elemento é o local (espacial ou temporal) ou origem do segundo elemento. Exs.: *hospital bill* ‘conta do hospital’ e *morning train* ‘trem da manhã’;
4. PURPOSE: o primeiro elemento indica um propósito do segundo. Exs.: *bread knife* ‘faca para pão’ e *tablecloth* ‘toalha de mesa’;
5. ACTIVITY-ACTOR: o primeiro elemento indica a atividade ou o interesse relacionado ao segundo elemento. Exs.: *sportsman* ‘atleta’, *fire department* ‘corpo de bombeiros’.
6. RESEMBLANCE: o primeiro elemento indica algo a que se assemelha o segundo. Exs.: *cherry bomb* ‘bomba cujo formato e/ou cor se assemelham a uma cereja’ e *handlebar moustache* ‘bigode espesso com pontas recurvas, que lembram o formato de um guidom’.

Dentro de cada uma dessas relações semânticas, há o que a autora chama de *participant role*. Esses “papéis participativos” são sub-relações das grandes categorias mostradas acima. Por exemplo, a autora afirma que em *metal sheet*, o papel participativo é de fonte-resultado; em *eggshell* é de todo-parte; em *morning train* é de tempo-objeto; em *tablecloth* é de alvo-instrumento; de *sportsman* é de atividade-objeto e de *cherry bomb* é de comparante-comparado. Normalmente, as sub-relações podem ser expressas por paráfrases contendo preposições.

Para fins de clareza, reproduz-se abaixo uma tabela contendo as seis relações semânticas mais abrangentes, os “papéis participativos”, as preposições

usadas nas paráfrases e que traduzem essas relações e, por fim, os exemplos propostos pela autora:

CONSTITUTE	Source-Result	of	<i>metal sheet</i>
	Result-Source	in	<i>sheet metal</i>
	Copula Compounds	—	<i>girl friend</i>
BELONGING TO	Whole-Part	of	<i>eggshell</i>
	Part-Whole	with	<i>armchair</i>
LOCATION	Place-OBJ	in, at, on	<i>coast road</i>
	Time-OBJ	in, at, on	<i>Sunday school</i>
	Origin-OBJ	from	<i>seafood</i>
PURPOSE	Goal-Instrumental	for	<i>tiepin</i>
ACTIVITY-ACTOR	Activity-OBJ	—	<i>cowboy</i>
RESEMBLANCE	Comparant- Compared	like	<i>cherry bomb</i>

Tabela 1 Categorias semânticas, paráfrases e exemplos. Tabela adaptada de Warren (1978:48)

A seguir, serão mencionados os fatos mais relevantes de cada uma das seis categorias e serão apontadas as diferenças entre a categorização proposta por Warren e Levi, a fim de já esboçar as categorias relevantes para o *corpus* deste trabalho. O objetivo da presente pesquisa não é esmiuçar cada uma das subclasses das categorias mais abrangentes, mas sim o de mostrar as características principais de cada categoria, de modo a compreender melhor a semântica dos compostos e construir uma categorização que dê conta dos dados a ser analisados. Logo, serão apresentadas apenas as características principais de cada uma das categorias.

A grande categoria CONSTITUTE, a qual será chamada de constituição, é dividida em duas classes, que por sua vez, apresentam mais subdivisões. As duas subclasses, a Source-Result (fonte-resultado), em que o modificador é a substância material ou não material do núcleo, e a Copula Compound (composto copulativo), composta por substantivos que podem ser um nome alternativo para o mesmo referente, apresentam ainda quatro e três subdivisões, respectivamente.

Dentro da subclasse Source-Result, Warren apresenta compostos em que:

a) o modificador denota o material ou a constituição do núcleo (*metal tool* ‘ferramenta de metal’/ *silver bowl* ‘tigela de prata’);

- b) o modificador denota a matéria e o núcleo denota a forma (*water vapor* ‘vapor d’água / *muscle fibre* ‘fibra muscular’) ou o modificador denota a forma e o núcleo a matéria (*sheet metal* ‘metal em folha’ / *fiberglass* ‘fibra de vidro’);
- c) o modificador denota a parte do todo representado pelo núcleo (*student group* ‘grupo de alunos’ / *rebel force* ‘tropa/efetivo dos rebeldes’);
- d) o modificador denota uma substância não material e o núcleo o todo (*tennis match* ‘partida de tênis’ / *race problem* ‘problema racial’ / *dramatics course* ‘curso de teatro’).

Tais compostos podem ser parafraseados das seguintes formas, segundo Warren:

- a) *tool (made) of metal* ou *tool with metal* / *bowl (made) of silver* ou *bowl with silver*;
- b) *vapor of water* / *fibre of muscle* ou *metal in sheet* / *glass in fiber*;
- c) *group (composed by, formed by, be constituted by, of) students* / *force (composed by, formed by, be constituted by, of) rebels*;
- d) *match of tennis* / *problem concerning race* ou *the integration of the races constitutes a problem* ou *how to integrate the races constitutes a problem* / *course concerning dramatics*.

Antes de passar para a subcategoria Copula Compound, é necessário fazer algumas observações sobre a subclasse Source-Result.

Ainda que Warren tente abarcar um número expressivo de compostos em seis grandes categorias, a subdivisão excessiva dessas faz com que o leitor tenha a sensação de estar lidando com compostos cujas relações semânticas são muito distintas, enquanto, na verdade, o interessante é tentar identificar o que esses compostos têm em comum, ou seja, o que faz com que todas essas especificidades sejam inseridas em uma mesma categoria. Dentro da categoria CONSTITUTE, Warren poderia ter separado os compostos de acordo com “papéis participativos” mais abrangentes. A constituição e a forma poderiam estar inseridas em um mesmo papel, por exemplo. Já a relação parte-todo poderia ter um “papel participativo” diferente das outras duas. Quanto a compostos como *race problem* e *dramatics course*, tem-se a nítida impressão de que Warren tentou estender demais a noção de constituição. A relação semântica desses compostos parece ser mais bem analisada através da paráfrase “concerning”, que remete ao predicado ABOUT de Levi. As paráfrases *the integration of the races constitutes a problem*

ou *how to integrate the races constitutes a problem* para *race problem* parecem ser um pouco forçadas e um tanto quanto improváveis.

Segundo Warren, os Copula Compounds não admitem “papéis participativos” e não podem ser parafraseados por preposições. Como normalmente apresentam uma relação do tipo gênero-espécie, podem ser parafraseados pelo verbo BE (em *pine tree* > *pine is a tree* ‘o pinheiro é um tipo de árvore’). Os compostos que apresentam uma relação de gênero-espécie também são parafraseados pelo verbo BE, de acordo com a teoria de Levi.

A segunda grande categoria apresentada por Warren é chamada de RESEMBLANCE (comparação). Esta categoria compreende compostos cujos elementos têm uma relação de semelhança — o núcleo é parecido com o modificador em algum aspecto. O modificador recebe o “papel participativo” de “comparante” e o núcleo de “comparado”. Muitos desses compostos podem ser considerados metáforas. A análise completa desse tipo de composto requer não só a identificação da relação comparante-comparado, como também a identificação da associação que está sendo feita entre um elemento e outro. Em *cherry bomb*, por exemplo, não basta saber que se está comparando uma bomba a uma cereja, mas sim se se está comparando a bomba à cor, ao formato ou ao tamanho da cereja.

Algumas das combinações dos compostos inseridos na categoria RESEMBLANCE podem, segundo a autora, ser parafraseados pelo verbo LIKE, como em *silk jersey* ‘blusa de seda’ (*jersey like silk* ou *jersey made of a fabric made of silk*). No entanto, a maioria só pode ser parafraseada acrescentando-se a natureza da comparação; logo, a paráfrase de *cherry bomb* deve conter as seguintes informações: *bomb shaped and coloured like a cherry*, por exemplo.

Warren afirma que a maioria dos compostos nesta categoria é truncada, uma vez que, em geral, a relação é de “N1 is like N1N2.” Por exemplo, *pig eye* ‘olho de porco’ teria uma paráfrase do tipo *eyes that resemble the eyes of pigs*.

Conforme já foi visto na subseção 3.2.1, essa categoria foi descartada do estudo de Levi, pois os processos gramaticais propostos pela autora não dariam conta de gerar esse tipo de estrutura. Ademais, quando se compara o núcleo ao modificador, pode-se chegar a diferentes relações comparativas, como já foi mostrado no composto *cherry bomb*. Dessa forma, as relações semânticas são bastante variáveis. Essa flutuação é apontada por Warren como o principal motivo

da pouca utilização desse padrão semântico, já que “[t]he reference of compounds expressing Resemblance is often too vague; the mode of compounding and characterization too indirect and involved for the pattern to become common” (1978:113)²⁷.

Ainda que a autora aponte motivos que a levem a desconsiderar a relação de RESEMBLANCE, esta categoria faz parte da análise de Warren, diferentemente da teoria de Levi.

Também dentro da categoria RESEMBLANCE, a autora inclui compostos do tipo *Communist-type authoritarianism* e *Tudor-style house*, em que, respectivamente, o autoritarismo não é comparado aos comunistas ou à casa de Tudor, mas sim ao autoritarismo dos comunistas e ao estilo da época da dinastia Tudor. Os sufixos *-type* e *-style* funcionariam como um sufixo *-like*, que é empregado sempre que se quer destacar que a relação entre os membros é figurativa. Sendo assim, por apresentar uma relação de semelhança entre os termos, embora desvie do padrão sintático, a autora inclui esse tipo de composto na categoria.

A terceira categoria proposta por Warren denomina-se BELONGING TO e pode ser traduzida por “pertença”. Nesta categoria, incluem-se os compostos em que um dos componentes apresenta a relação de parte ou característica do outro. A classe BELONGING TO foi dividida em três subclasses, que, por sua vez, sofreram mais subdivisões.

A primeira delas é a que representa a relação de todo-parte. Exemplos como *spoon handle* ‘cabo da colher’ se encaixam nesta classe. O núcleo representa a parte e o modificador o todo. Warren também inclui nessa classe compostos em que o núcleo não é uma parte do modificador, mas sim uma qualidade do mesmo, como *room temperature* ‘temperatura ambiente’²⁸ e *particle size* ‘tamanho da partícula’. Já se o núcleo pertencer ao modificador, a relação que se constitui é de pertença, em que o núcleo é uma posse legal do modificador (*family estate* ‘bens familiares’); representa o território ou *habitat* do modificador (*police station* ‘delegacia’) ou uma instituição pública subordinada ao

²⁷ “o modo de formação e caracterização é demasiadamente indireto e complexo para que o padrão se torne comum”.

²⁸ É interessante observar que Warren inclui *room temperature* na categoria BELONGING TO e *outdoor temperature* ‘temperatura externa’ na categoria LOCAL, o que parece incoerente, já que a “temperatura” também se refere à qualidade do ambiente, que, neste caso, é externo.

modificador (*Dallas Theater Center*). Geralmente, os compostos podem ser parafraseados pela preposição *of* (*handle of spoon; temperature of room; size of particle* etc).

Uma observação interessante feita pela autora é que a subclasse todo-parte e a categoria LOCATION (que será vista mais adiante), especificamente a subclasse origem-objeto, embora representem relações semânticas diferentes, podem ter o mesmo referente. Nas palavras de Warren, “[w]hether we think of for example *radio button* as *button on the radio* or as *button of the radio* is irrelevant as far as the reference of compound is concerned”²⁹. Esta afirmação corrobora a opinião de Levi de que a intenção comunicativa é o que vale; o importante é falante e ouvinte se referirem ao mesmo objeto. Conforme mencionado anteriormente, desfazer a ambiguidade subjacente nesse tipo de composto depende do contexto, da intenção do falante e do conhecimento de mundo do ouvinte.

Esta subclasse compreende ainda os compostos em que o núcleo apresenta uma qualidade do modificador. Essa qualidade pode ser facilmente identificada e medida, como em *room temperature* ‘temperatura ambiente’; pode indicar velocidade ou força (*fertility rates* ‘taxas de fertilidade’/ *car speed* ‘velocidade do carro’); relação, como em *transformation ratio* ‘razão de transformação’; extensão ou formato (*engine section* ‘seção da máquina/motor’/ *surface area* ‘área da superfície’/ *particle shape* ‘formato da partícula’/ *sample size* ‘tamanho da amostra’/ *wave-length range* ‘variação do comprimento de onda’).

A segunda subclasse é formada pelos compostos que apresentam uma relação de parte-todo. Esses compostos incluem *armchair* ‘cadeira de braço’, *apple cake* ‘bolo de maçã’, *flower garden* ‘jardim de flores’, *cream cheese* ‘requeijão’ etc. Ademais, a autora inclui nesta categoria o nome de compostos químicos como *aluminium chloride* ‘cloreto de alumínio’. Todos esses compostos podem ser parafraseados com a preposição *with* (Exs.: *chair with arm, cake with apple*).

Dentro da subcategoria parte-todo, Warren destaca um grupo de compostos que se distingue dos demais na medida em que o núcleo não tem uma referência concreta. Segundo a autora, os constituintes de *shock therapy* ‘terapia

²⁹ “pensar em *radio button* como *botão no rádio* ou *botão do rádio* é irrelevante do ponto de vista da referência do composto”.

de choque’, *fee system* ‘sistema de fiança’ e *powder technique* ‘técnica de pulverização’, por exemplo, apresentam uma relação abstrata e são diferentes dos outros compostos incluídos na mesma classe, uma vez que o núcleo não pode ser considerado um local, ainda que abstrato, que contenha o elemento modificador. Warren acrescenta que existiria a possibilidade de eles serem analisados dentro da categoria PURPOSE; no entanto, a mesma argumenta que os núcleos raramente podem ter o “papel participativo” de objetivo, propósito. Uma outra maneira encontrada pela autora para analisar esses compostos é inseri-los na categoria CONSTITUTE, na subclasse Source-Result, em que o modificador representaria a fonte e o núcleo o resultado. Portanto, *shock therapy* poderia ter a seguinte paráfrase: *giving the patient shocks constitutes the therapy*. Após apresentar esta paráfrase um tanto forçada, Warren reconhece que todas as tentativas de categorização desses compostos são infelizes.

Para o composto análogo a *shock therapy*, *shock treatment* ‘tratamento que utiliza choque’, Levi acredita que a relação subjacente é a de que o núcleo utiliza o elemento descrito no modificador para funcionar, ou melhor, o modificador seria o “gatilho”, o propulsor do núcleo. Essa relação fica bem clara em *windmill* ‘moinho de vento’. O funcionamento do moinho depende da ação do vento; o vento aciona o moinho. Por isso, Levi propõe que compostos dessa natureza sejam classificados dentro da categoria USE. Geralmente, a paráfrase desse tipo de composto vem acompanhada da expressão *in order to function* (*mill using wind in order to function*).

A terceira subclasse mostrada por Warren estabelece a relação tamanho-todo. Dentro desta subclasse, estão as unidades de medida, valor, duração, que foram excluídas do estudo de Levi por serem, em sua opinião, idiossincráticas e limitadas. No entanto, os dados de Warren mostram que esse tipo de composto é bastante profícuo, o que vale a sua inserção, apesar de muitos teóricos acreditarem que eles não possuem “o *status* de composto”. Ainda, conforme será mostrado nos capítulos 7 e 8, esses tipos de compostos são bastante produtivos em textos técnicos.

Normalmente, os compostos desse tipo possuem um núcleo, que representa a entidade a ser medida, um modificador, que é a unidade de medida, e ainda um quantificador que especifica essa unidade (Ex.: *eight-pound baby* ‘bebê com 8 libras ou 3,6 kg’). Dentre os exemplos estão os compostos: *two-inch wood*

‘madeira de 2 polegadas ou 5 centímetros’; *five-cent piece* ‘peça de cinco centavos’; *80 hp motor* ‘motor de 80 cavalos-vapor’; *20-gauge size* ‘bitola tamanho 20’; *two-year contract* ‘contrato de dois anos’; *24-hour daily cycle* ‘ciclo diário de 24 horas’ etc.

A quarta grande categoria mostrada inclui a situação espacial, temporária e/ou abstrata. A categoria LOCATION proposta por Warren engloba os predicados IN e FROM de Levi. A categoria compreende todo e qualquer composto cujo elemento modificador indique a posição, origem ou direção do núcleo no tempo ou no espaço.

Diferentemente de Levi, Warren insere na categoria LOCATION compostos que indiquem o deslocamento e a direção de um objeto. Por exemplo, *moon rocket* ‘foguetete rumo à lua’ poderia ser parafraseado por *rocket heading for the moon*. Compostos desse tipo também podem ter a seguinte paráfrase: *leading to (or from)* ou *going to (or from)* (Exs.: *Staten Island ferry* ; *Santa Cruz road*). Embora a autora insira esses compostos dentro desta categoria, ela se mostra hesitante, uma vez que demonstra também ser possível classificá-los na categoria PURPOSE (Ex.: *Santa Cruz Road* ‘rua Santa Cruz’ > *Road for Santa Cruz*).

A percepção de Warren para o significado subjacente nesses compostos parece bastante válida. Há uma diferença entre dizer *front wheel* ‘roda dianteira’ (*wheel located at the front*) e *Staten Island ferry* ‘barcas rumo a/oriundas de Staten Island’ [*ferry leading to (or from) Staten Island*]. Enquanto o primeiro pressupõe uma relação estática, o segundo pressupõe uma relação dinâmica. No entanto, a autora foi infeliz ao dizer que compostos desse tipo poderiam ser inseridos na categoria PURPOSE. Esta pressupõe uma relação de propósito e, apesar de ser possível dizer que *Santa Cruz Road* pode também ser expressa como *Road for Santa Cruz* ‘rua em direção à Santa Cruz’, a preposição “for”, neste caso, estabelece uma relação de direção e não de propósito.

Enquanto Levi desconsidera compostos que indiquem uma localização através da utilização de afixos (sejam eles latinos ou não), como ex-, sub-, under— por esses afixos, ao contrário das preposições *in*, *on* e *at*, não serem suprimidos na estrutura superficial —, Warren os insere na categoria LOCATION exatamente porque estruturas como *underwater bomb* e *subsea oil* apresentam um modificador que estabelece a localização do núcleo (respectivamente, “bomba localizada debaixo d’água” e “petróleo encontrado nas profundezas oceânicas”).

Warren afirma que uma das condições para se formar combinações do tipo N + N locativas é justamente relatar a localização do núcleo, função esta desempenhada pelo modificador, conforme mostrado acima. Sendo assim, parece louvável incluir compostos como *underwater bomb* e *subsea oil*.

Ademais, há também a localização abstrata. Dentre os exemplos estão: *top scholars* ‘principais acadêmicos’; *law degree* ‘diploma em Direito’ etc.

Em relação à localização temporal, destacam-se os compostos *summer day* ‘dia de verão’ (*day in summer*), *seven o'clock dinner* ‘jantar das sete da noite’ (*dinner at seven o'clock*); *morning newspaper* ‘jornal matutino’ (*newspaper appearing in the morning*³⁰) etc.

Ainda dentro de LOCATION, Warren destaca a relação semântica de origem e de causa. Ambas são expressas por Levi fora do predicado IN e em categorias à parte (FROM e CAUSE, respectivamente). A relação de origem se dá quando o elemento modificador expressa a origem do núcleo (*country boy* ‘menino do interior’; *valley people* ‘pessoas que moram no vale’; *Detroit fellow* ‘companheiro de Detroit’). Já na relação de causa, o modificador não é a origem, mas sim a causa do núcleo, sendo este o resultado da causa (*bullet hole* ‘perfuração provocada por uma bala’; *census data* ‘dados do censo’). Ambas as relações podem ser parafraseadas pela preposição *from* (*boy from the country/ people from the valley/ fellow from Detroit/ hole from bullet/ data from census*). O núcleo também pode ser o causador do modificador, como em *honey bee* ‘abelha que produz mel’, *silkworm* ‘bicho-da-seda’ e *influenza virus* ‘vírus da gripe’ [*bees cause (produce) honey; worms cause (produce) silk; virus cause influenza*³¹].

A inclusão da relação de causa na categoria LOCATION parece um pouco forçada, pois em compostos como *silkworm*, o núcleo representa o agente do elemento modificador, denotando, portanto, uma ação. Dessa forma, esse tipo de relação é mais bem expresso denotando o núcleo como agente (produtor) e o modificador como o resultado — o produto da ação —, e essa relação nada tem a ver com a ideia de local.

³⁰ Paráfrase sugerida pela autora.

³¹ Nessas três parafrases sugeridas por Levi (1978), as duas primeiras seriam classificadas como resultantes do processo de supressão de MAKE₁ e a terceira surgiria da supressão do predicado CAUSE₁. Enquanto as duas primeiras apresentam a relação de causa implícita e a de produção explícita, a terceira expressa melhor uma relação de causa. Os três compostos têm em comum o fato de seus núcleos denotarem a origem dos modificadores.

É importante destacar a inclusão de compostos em que o modificador é o inventor, criador de algo representado pelo núcleo. Por exemplo, em *Christian Dior shoes* ‘sapatos da Christian Dior’, tem-se o objeto (*shoes*) e o inventor ou fabricante (*Christian Dior*). Esse tipo de composto estaria fora do escopo de Levi, pois a pesquisadora não trabalha com nomes próprios. Já Warren apresenta uma categoria em separado para os nomes próprios, que será apresentada em breve. Resta saber por que a autora inclui esse tipo de composto na categoria LOCATION em vez da PROPER NAMES. *Christian Dior shoes* pode ser parafraseado pela preposição *by* (*shoes by Christian Dior*).

Há um pequeno grupo de compostos que a autora considera como inapropriados para esta categoria, mas, na falta de opção, os insere nela, já que há uma relação sutil de causa³², em que o modificador indica uma força ou combustível que impulsiona o elemento núcleo. Compostos como *steam engine* ‘máquina/motor a vapor’ (*steam using engine in order to function*) e *gas lamp* ‘lâmparina’ (*lamp using gas in order to function*) se encaixam perfeitamente no predicado USE de Levi, que parece expressar melhor a relação do que a categoria LOCATION de Warren.

A penúltima grande categoria é chamada de PURPOSE. Esta envolve a paráfrase com a preposição *for* e engloba o composto formado por um modificador que estabelece o objetivo, a finalidade do núcleo. A *nightdress*, por exemplo, é um vestido para ser usado à noite. Como já foi mencionado na subseção 3.2.1, para especificar melhor a relação entre o modificador e o núcleo, é necessário acrescentar verbos à paráfrase, sem que a noção primária e essencial de propósito seja perdida. Portanto, para compreender melhor a relação entre *rain* e *coat* no composto *raincoat* ‘capa de chuva’, utiliza-se uma paráfrase do tipo *coat for (protecting against) rain*.

Ao investigar os compostos inseridos nesta categoria, Warren percebeu que

besides Instrumental, some topic-nouns [i.e. núcleos] can be assigned the participant role Place (*cloakroom, suitcase*) and some the role Time (*bedtime, lunch hour*). Similarly, besides Goal some comment nouns [i.e. modificadores]

³² Mais precisamente, a relação é de acionamento. O elemento nuclear depende do elemento modificador para funcionar. A autora classifica esse tipo de relação na subcategoria Motive Power – Obj, dentro da categoria LOCATION.

can be assigned the role Place (*bedside table, town car*) and some the role Time (*daybed, summer suit*) (1978:198)³³.

Sendo assim, esse tipo de composto apresenta duas relações semânticas, uma primária e outra secundária, o que o torna a categoria PURPOSE diferente de todas as outras estudadas. O duplo “papel participativo” se traduz em uma relação semântica mais complexa e ambígua. A relação primária é atribuída independentemente da relação télica e envolve as relações locativas, temporais e causais. Por outro lado, a relação secundária envolve a télica e é ela que é relevante para a interpretação desse tipo de composto. Conforme já citado, escolher entre uma relação télica e uma locativa, por exemplo, depende do contexto e de questões pragmáticas, que, por sua vez, restringem as possibilidades, mas não impedem que elas existam.

A última grande categoria dos estudos de Warren é a ACTIVITY-ACTOR (Atividade-Ator). A própria autora afirma que a grande quantidade de compostos ambíguos presentes na categoria põe em xeque a criação da mesma. No entanto, o fato de o pequeno número de compostos não ambíguos não se encaixar em nenhuma outra classe proposta por ela faz com que a autora mantenha a categoria. O motivo para o número pouco significativo de compostos nesta classe “is probably due to the fact that the notion ‘some animate entity’ habitually ‘performing some act’ very often results in verbal nexus combinations: (...) *dancing girl, hangman* (...)”³⁴ (1978:214).

Os compostos da categoria ACTIVITY-ACTOR compreendem um núcleo que se refere a um único ser humano, um grupo de pessoas ou a uma organização. Já o modificador se refere ao negócio, tarefa, atividade ou interesse no qual o elemento núcleo está envolvido.

Dentre os exemplos, representando nesta ordem, um ser humano, um grupo de pessoas e uma organização, destacam-se: *newsman* ‘jornalista’, *concert pianist* ‘pianista clássico’ e *ticket chairman* ‘diretor encarregado dos ingressos’; *school committee* ‘comitê escolar’, *public welfare commission* ‘comissão do bem-

³³ “além do papel Instrumental, alguns núcleos podem desempenhar um papel participativo de Local (vestiário, mala) e alguns o papel TEMPO (hora de dormir, hora do almoço). De modo semelhante, além do papel META, alguns modificadores podem desempenhar o papel de LOCAL (mesinha de cabeceira, limusine) e alguns o de TEMPO (sofá-cama, traje de verão)”. Observe que na tradução “sofá-cama” não se percebe a noção de tempo.

³⁴ “provavelmente se deve ao fato de que a noção ‘alguma entidade animada’ em geral ‘desempenhando uma ação’ normalmente resulta em combinações com algum elemento deverbal (...) *garotas dançantes, carrasco/forca*”.

estar público’ e *parole board* ‘comissão que permite a liberdade condicional dos presos’; *Finance Department* ‘departamento financeiro’, *post office* ‘correios’; *wholesale firm* ‘empresa que atua no ramo de atacado’ etc.

Para esses compostos, a autora sugere a paráfrase “be habitually concerned with” ‘estar habitualmente relacionado a’ (por exemplo, *school committee* seria *committee is habitually concerned with schools*; para *concert pianist*, *a pianist is habitually concerned with giving concerts*). Esses mesmos exemplos, segundo a análise de Levi, seriam classificados em diferentes categorias. *Public welfare comission* seria inserido na categoria FOR e ainda haveria um processo de nominalização (*commission for discussing public welfare*). *School committee*, *Finance Department*, *wholesale firm*, *post office*, *concert pianist* seriam inseridos na categoria BE (expressando uma relação “N1N2 é um tipo de N2”). Embora esse tipo de relação possa compreender um número extenso de compostos, além de ser menos problemática e específica do que muitas outras e, portanto, representar uma alternativa para a análise³⁵, parece que a caracterização de Levi é mais objetiva e óbvia do que a de Warren, neste caso.

Já *newsman*, *ticket chairman* e *parole board* estariam fora do escopo do estudo de Levi, pois as categorias sugeridas não dariam conta das relações entre os termos (*newsman* > *someone who writes or reports news* / *parole board* > *is a panel of people who decide whether an offender should be released from prison on parole after serving at least a minimum portion of their sentence as prescribed by the sentencing judge* / *ticket chairman* > *someone who is in charge of the tickets*).³⁶

Por fim, Warren apresenta um capítulo à parte com construções com nomes próprios. Assim como Levi, a autora considera esse tipo de construção idiossincrática e não previsível por teoria alguma. Como Levi lidava com estruturas que fossem passíveis de explicação através de processos sintáticos, as combinações com nomes próprios foram excluídas de seu estudo. Já Warren tem um interesse puramente semântico entre os termos de um composto. Sendo assim, apesar de reconhecer que não se pode prever a relação exata entre os constituintes de compostos desse tipo, a autora afirma que, para esses compostos, o que

³⁵ Muitos dos compostos que não apresentam uma relação semântica mais evidente, à primeira vista, podem ser caracterizados em uma relação subtipo-tipo/tipo-subtipo.

³⁶ Exemplos retirados do Longman Dictionary of Contemporary English Online e Wikipedia.

interessa não é o estabelecimento da relação semântica entre um termo e outro, mas sim a identificação de qual elemento é específico e qual é genérico. O objetivo do elemento específico é identificar e nomear exclusivamente o constituinte genérico, seja a identificação realística ou não. Por exemplo, quando se diz *Yale University*, realmente se está referindo a uma determinada universidade, mas o mesmo não pode ser dito do composto *Madison Square Garden*, que não se refere a um jardim, mas sim a um parque.

As combinações de nomes próprios incluem basicamente nomes geográficos, de espaços públicos e de organizações. Essas talvez fossem mais bem categorizadas como apostos denominativos do que compostos nominais, como revelam Quirk *et alii* (1985) e conforme já mencionado na subseção 2.1.1. Vale ressaltar que, em português, o que se chama de aposto denominativo corresponderia ao termo modificador no composto do inglês (por exemplo, na tradução de *Hudson River* ‘Rio Hudson’, “Hudson” seria o aposto denominativo de “Rio”).

Há motivos suficientemente fortes para excluir esse tipo de combinação do grupo de compostos, uma vez que não há uma relação semântica entre os termos; a motivação para a criação dessas estruturas é apenas a de nomear um referente, e, além disso, ela não é semântica ou sintática, mas sim extralinguística, o que foge do escopo de estudo do trabalho de Warren.

3.7 Levi x Warren — um breve paralelo

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que, enquanto Levi tinha um cuidado semântico e sintático ao categorizar seus dados, o foco de Warren era apenas na caracterização das relações semânticas, sem preocupação em especificar possíveis mecanismos/processos gerativos.

Warren conseguiu dar conta de mais exemplos, porque não se preocupou com restrições sintáticas e com uma diferenciação fundamental no trabalho de Levi: entre os compostos lexicalizados — que diacronicamente já foram produtivos e cuja relação semântica era rapidamente identificável —, e os derivados a partir de processos sintáticos.

O problema de estabelecer a relação semântica de compostos lexicalizados é que esta não é clara, motivada e recuperável. Por exemplo, para o composto

honeymoon, Warren dá a seguinte explicação: *moon = month; honey = the quality or state of being sweet*. A composição desse composto perdeu a motivação, já é um item lexicalizado e dicionarizado e, sincronicamente, não é possível estabelecer uma relação semântica entre esses termos. A inserção de *honeymoon* na categoria BELONGING TO, na subclasse objeto-tempo parece um pouco forçada.

Na verdade, distribuir um *corpus* significativo em apenas seis categorias e considerar poucas exceções resulta em um desajuste. Apesar de o estudo de Warren ser de suma importância para a tentativa de se compreender o fenômeno da semântica dos compostos nominais, a impressão que se tem é a de que a autora expandiu demais os limites semânticos das categorias propostas, deixando compostos com relações visivelmente diferentes dentro de um mesmo grupo. Por exemplo, as relações de causa e local são inseridas dentro da categoria LOCAL; logo, compostos como *typhus fever* ‘febre tifoide’ e *home workshop* ‘oficina em casa’ seriam classificados dentro da mesma categoria, o que parece ser uma tentativa de dar conta de muitas relações em um número reduzido de categorias. Ademais, as categorias apresentam muitas subcategorias, que, por sua vez, apresentam outras tantas subdivisões, o que faz com que diferenças significativas entre os tipos de compostos passem despercebidas.

Por outro lado, um número maior de categorias, como as nove propostas por Levi, tendo em vista um processo sintático que explique as relações semânticas, exclui um número muito grande de compostos. A teoria de Levi, embora mais organizada, objetiva e bem embasada, não dá conta de explicar muitos compostos nominais produtivos na língua inglesa, como *race riots* ‘tumultos motivados por divergências raciais’, *age groups* ‘grupos divididos por idade’ etc. Esses tipos aparecem, respectivamente, na categoria CONSTITUTE proposta por Warren (1978).

Embora apresentem caminhos, categorizações, paráfrases e exemplos diferentes, a maioria das relações semânticas apresentadas por uma autora tem uma correspondente na teoria da outra, como mostra a Tabela 2, abaixo. O que se percebe, no entanto, é uma discrepância entre a distribuição dos compostos nas categorias, conforme mostrado anteriormente através de algumas exemplificações.

LEVI (1978)	WARREN (1978)	EXEMPLOS
CAUSE	LOCATION ³⁷	<i>hay fever</i>
HAVE	BELONGING TO	<i>picture book</i>
MAKE	CONSTITUTE/ ACTIVITY	<i>nervous system/ metal tube/ student committee</i>
USE	LOCATION ³⁸	<i>steam engine</i>
BE	RESEMBLANCE/BELONGING TO/ACTIVITY	<i>cherry bomb/ pine tree/ stock market</i>
FROM	LOCATION	<i>olive oil/ store clothes</i>
ABOUT	CONSTITUTE	<i>abortion vote/ dramatics course</i>
IN	LOCATION	<i>city folk/ morning newspaper/ language difficulties</i>
FOR	PURPOSE	<i>headache pills</i>

Tabela 2 – Paralelo entre as categorias de Levi e Warren

A tentativa de ambas as autoras de esmiuçar as relações semânticas entre os constituintes dos compostos, sob o ponto de vista de diferentes vertentes da linguística, ainda que apresentem inúmeras falhas, foram uma grande contribuição para os estudos da semântica dos compostos nominais. Lidar com um fenômeno extremamente escorregadio e vacilante não é tarefa fácil. No entanto, os estudos de Levi e Warren ainda deixaram muitas dúvidas, o que inevitavelmente despertou o interesse de estudiosos de outras linhas de investigação linguística, como a Teoria do Léxico Gerativo e a Linguística Computacional, que serão abordadas no capítulo 4.

³⁷ A autora insere a relação de causa dentro da categoria LOCATION, na subclasse origem-objeto, em que prevalece uma relação de causa e resultado. Neste caso, o modificador *hay* é a causa do núcleo *fever*.

³⁸ Segundo a autora (1978:187), em compostos como *steam engine*, o modificador seria um propulsor (seja ele um combustível ou uma força) que impulsionaria ou ativaria o núcleo. Conforme já mencionado na seção 3.6.2, a autora afirma que, embora tenha colocado este grupo dentro da categoria LOCATION, ela não está afirmando que esse tipo de composto denota uma relação de origem. Na verdade, a autora acredita que esses compostos fazem parte de um grupo separado — como bem observou Levi ao classificá-los dentro da categoria USE —; no entanto, na falta de opção, ela os inseriu na categoria LOCATION.